TL 1329-19

V JORNADAS DE TIMOR DA UNIVERSIDADE DO PORTO

COMUNICAÇÃO

TEMA : **CRIMES DE GUERRA E CRIMES CONTRA A HUMANIDADE**

TÍTULO : **T E S T E M U N H O**

AUTOR : **Fátima Guterres**

ESTORIL, JULHO DE 1993

Fátima Guterres

Antes da invasão das tropas indonésias o território de Timor Leste e o Povo Maubere tinham uma vida bastante sossegada, alegre, hospitaleira, onde qualquer viajante encontrava sempre um canto, a melhor cama para dormir e os melhores panos para se cobrir, os seus variados pratos eram sempre compartilhados.

A fome quase que não existia, tanto assim que o timorense só iniciava o trabalho depois de tomar a sua refeição por muito modesta que fosse.

A população vivia dispersa nas montanhas, com as suas culturas e a sua vida normal.

Quando precisava de se deslocar dentro do território, ia livremente tanto de dia como de noite, conforme as vias de transporte de que dispunham, sem necessidade de qualquer documentação.

Nas celebrações das festas tradicionais,que duravam dias e até semanas, não haviam quaisquer impedimentos, participando nelas centenas de pessoas. Adornavam-se com as suas belíssimas jóias de ouro e prata. Usavam os seus melhores panos e tecidos especiais para esses dias, sem receio de serem roubados.

Nos empregos os timorenses mais habilitados ocupavam também lugares nas Repartições do Estado e nas Empresas particulares. Os trabalhos pesados eram feitos pelos homens. A mulher apenas fazia os trabalhos domésticos e ajudava nas hortas, nas várzeas no cultivo do arroz, na ceifa e na debulha, onde, durante as noites, homens e mulheres trabalhavam lado a lado. A maior preocupação da mulher timorense era cuidar do marido, dos filhos e dizia quase sempre que: " a cruz do rapaz é a tropa e a cruz das raparigas é o parto.".

O povo timorense encarava a vida com grande aspiração de viver feliz.

Mas a partir do dia 7 de Dezembro de 1975, a vida do povo timorense tonou-se muito diferente, um inferno, um calvário.

ALGUMAS LEMBRANÇAS...

Eramos oito irmãos, viviamos felizes com os nossos irmãos em Ermera. O meu pai era enfermeiro e encarregado da Delegacia de Saúde de Ermera.

Na altura das aulas íamos para Díli estudar. Por isso, no golpe da UDT e na invasão da Indonésia, fomos obrigados a fugir separadamente. O meu pai e uma das minhas irmãs fugiram para Atambua e nós para o mato.

8 de Agosto de 1975. Sexta - feira.

Na sede da UDT (União Democrata Timorense) reuniu-se um grande número de simpatizantes, com vista à realização de uma manifestação contra a FRETILIN e a saída, imediata de Timor - Leste, dos majores Mota e Jónatas, do alferes Barbedo de Magalhães e mais outros.

9 de Agosto de 1975. Sábado de manhã.

A UDT decidiu fazer greve e as repartições públicas encerraram.

Nesse dia o Governador tinha-se deslocado a Manatuto em missão de serviço, apesar de já ter ouvido alguns rumores sobre uma acção violenta que a UDT iria levar a cabo. Ninguém acreditava!

10 de Agosto de 1975. Domingo.

Não havia nada de suspeito. O dia decorria dentro da normalidade possível. Eu ainda acompanhei o meu marido(ainda não tinhamos casado) ao Posto Socorro. Estava com febre tifoide.O enfermeiro que nos atendeu era da UDT e ainda nos recomendou para não sairmos de casa, mas tal como a maioria não acreditámos.

Que ingenuidade !...

Nessa mesma noite, de 10 para 11 de Agosto de 1975, deu-se o golpe da UDT.

11 de Agosto de 1975. Segunda - feira

O meu irmão Eugénio e mais dois amigos tinham regressado duma festa e foram logo os primeiros prisioneiros da UDT.

Pela manhã, as ruas estavam muito movimentadas, com carros cheios de gente armada.

Nessa altura eu já era da FRETILIN e o meu marido também, como dirigente.

Assim como alguns simpatizantes, eu e a minha família fugimos para as montanhas,porque a UDT começou com a captura dos dirigentes da FRETILIN e ultimaram que quem não se quisesse apresentar no PALAPAÇO,sede da UDT, eles iriam mandar morteiradas, para destruir todos.(Vozes dos dois irmãos, Francisco e Mariano Lopes da Cruz.

20 de Agosto de 1975
A FRETILIN desencadeou o seu contra-golpe.

Regressámos a Dili em 5 de Setembro.

Houve muitos estragos, provocados pela guerra civil: mortes, incêndios, casas abandonadas, cortes de luz e de àgua, falta de comida para a população de Dili, ódio, vingança, etc...

A FRETILIN conseguiu controlar o território de Timor Leste, nos meses de Setembro, Outubro e Novembro.

28 de Novembro de 1975.

No antigo Palácio das Repartições, o Comité Central da FRETILIN proclamou a independência de Timor Leste e no dia seguinte a invistidura dos Ministros, na antiga Residência do Governador, em Lahane.

Durante a cerimónia da proclamação, momento muito difícil e crucial, não houve nenhum comentário das pessoas presentes, apenas as lágrimas se rolaram nos rostos.

Com a ausência de Portugal, esta foi a melhor escolha e imediatamente foi reconhecido por vários Estados africanos e asiáticos.

As forças da UDT foram empurradas pelas da FRETILIN para a fronteira até entrarem no território Indonésio.

Ouvia-se os programas da rádio Kupang e da rádio Atambua, pelo qual os dois irmãos Francisco e Mariano Lopes da Cruz, se entregavam livre e totalmente para colaborar com o Governo Indonésio, fazendo provocações, ameaças e dizendo mentiras ao povo Maubere.

7 de Dezembro de 1975.
A Indonésia invadiu ilegalmente o território de Timor Leste.

Eu estava em Dili com uma parte da família, quando se deu a invasão das tropas indonésias.

Eram quase 4 da manhã de domingo, já algumas pessoas se preparavam para a primeira missa, outras despertavam com o barulho dos helicópteros, dos tiros de metralhadora que varriam os quintais e do som ensurdecedor dos bombardeamentos efectuados pela armada Indonésia sediada na Baia de Dilí que destruia violentamente a beleza de Timor.

Os helicópteros já estavam a lançar os primeiros paraquedistas que foram capturados um a um pelas forças de Libertação.

Abrimos as janelas e vimos muitas coisas negras a cair dos helicópteros e como era ainda muito escuro, algumas pessoas pensavam que fossem pequenos aviões. Mal chegou a luz do dia, várias famílias começaram a abandonar as suas casas, indo procurar refúgio nas Igrejas, Centro de Saúde, Hospital e outras já se encontravam nas partes mais altas da cidade. Eu e a minha família fizemos o mesmo. Em Marabia, assistimos todos juntos e em silêncio os estragos que os barcos faziam, os nossos olhares apenas se trocavam, ninguém poupou as suas lágrimas, vendo a cidade capital em chamas.

Junto à praia dos coqueiros, os fuzileiros navais estavam a desembarcar em botes de borracha. Os helicópteros vinham chegado em filas lançando os paraquedistas no nosso novo aeroporto em " MADOHI ". Alguns deles caiam no mar ou em terra esborrachados, porque os paraquedas não chegavam a abrir. Os aviões não nos deixavam em paz, sobrevoavam toda a cidade de Dili. Metralhavam tudo, as pessoas, as casas, as ruas, as árvores. Enfim tudo!...

Grande parte das casas estavam vazias, de portas abertas, os cães não paravam de ladrar procurando os seus donos.

Muito depressa a cidade se tornou triste!...

Era quase meio-dia. Debaixo de tiros, resolvi ir com o meu marido e o meu irmão buscar algumas roupas e comida, correndo como se fossemos ladrões. Nas ruas só se viam pessoas com rostos assustados e desesperados, fugindo em direcção das montanhas levando os filhos e as poucas coisas que conseguiram recolher.

Junto ao meu quintal, já se encontravam alguns paraquedistas mortos e por trás das árvores, viam-se apenas os canos das armas G 3, Mauser, FBP em posição de fogo, à espera do inimigo.

Ao passarmos no hospital vimos chegar o corpo do sargento Carmo, morto pelos paraquedistas num combate em Santa-Cruz.

Fomo-nos juntar à minha família e às outras pessoas, que nos aguardavam ansiosas.

Ao fim da tarde, o inimigo começou a bombardear os pontos mais altos de Dili. Não havia outro remédio se não recuar para as montanhas, para não sermos capturados pelo invasor. Uns choravam, outros lamentavam pela separação forçada das famílias que não conseguiram sair. O anbandono das suas casas, dos uintais, de tudo o que lhes era querido. Durante o percurso parávamos várias vezes para descançar. Quando chegávamos aos cruzamentos, líamos os letreiros com os nomes das regiões e perguntávamos uns aos outros, qual era o sitio mais seguro para nos refugiarmos.

Enquanto isso, as tropas invasoras, começavam com os massacres em vários sítios de Dili, aprisionamentos, torturas, violações, pilhagens, saques e o terror.

As vilas estavam cheias dos refugiados, vindos da cidade dapital.

Diariamente os aviões bombardeavam todo o dia e só paravam à tardinha.

A população sem experiência nenhuma, chorava e corria de um lado para outro, para se abrigar.

O inimigo tomou as vilas e fomos empurradas para o interior da Pátria, Timor Leste, éramos cerca de 90 a 95% sob a protecção das forças de Libertação e dirigido pelo glorioso Comité Central da Fretilin.

Aí reorganizamos a nossa vida quotidiana.

Através de poucos livros e experiência própria de organização, apesar de muitas falhas e êxitos o Comité Central da Fretilin, procurou esforçar-se quanto podia, para preparar mais quadros e lançar para a luta.

Assim quase em toda a parte aproveitava-se os que tinham experiência em comunicar facilmente e transmitir orientações, como os estudantes, alguns funcionários, professores, etc, lançavam depois em grupos para a cobertura política alargada nas povoações, sukos nas montanhas como nas planícies.

Esses quadros eram de ambos os sexos, conduzidos pela linha política da FRETILIN, entregavam-se à luta, cheios de coragem e entusiasmo, conseguiram levar o povo Maubere, que foi silênciado pela opressão e escravidão durante muitos anos, erguer a sua voz e falar.

Timor Leste estava dividido em seis sectores: Sector do Centro Norte, Sector do Centro Leste, Sector do Centro Sul, Sector da Ponta Leste, Sector da Fronteira Norte e Sector da Fronteira Sul.

A organização no Sector Centro Leste (o qual eu pertencia) era constituida pelas seguintes zonas:

Zona 003 - Barique , Soibada
Zona Bravo - Laleia
Zona 20 de Maio - Vemasse, Baucau
Zona 20 de Agosto - Lacluta
Zona 28 de Novembro - Viqueque, Ossue e Venilale.

A sede do Comissariado situava-se na zona 20 de Agosto. Os membros que pertenciam ao Comité Central da Fretilin eram:

Amtónio Carvarino - Vice Presidente
Vicente Reis - Comissário Político Nacional
Abel Ximenes - Comissário Político
Joaquim Saldanha - adjunto
Maria do Céu - adjunto
Dulce da Cruz - adjunto
Na zona 003:
Artur Nascimento - adjunto
Na zona 28 de Novembro
Òscar Araújo - adjunto
Havia também assistentes da Sede do Comissariado, das Zonas e das áreas.

Responsáveis das três estruturas da FRETILIN:

OPMT (Organização Popular da Mulher Timorense)
OPTT (Organização Popular dos Trabalhadores de Timor)
OPJT (Organização Popular de Juventude Timorense)

Responsáveis das equipas de horta, extracção do sal, sagú e mel.

De caça, pesca, das queimadas, de armazenamento e abastecimento dos produtos alimentícios.

Da parte militar:

Comandante do Comando Sector Centro Leste - Hermenegildo Alves.
Comandante das Companhias da Força de Sector - Mau Klau (Porfírio Corsino).
Comandante das Companhias de intervenção - Teri Netik (Afonso Moniz).
Comandante das Companhias de Brigada de Choque - Mau Brani (José Cirilo Nunes).
Comandante das Zonas e das FAD (Força de Auto-Defesa, armas brancas).

Na sede do Comissariado do Sector Centro Leste, realizavam-se reuniões, aulas de política e conferência que duravam dias. Nas conferências reuniam-se todos os membros do Comité Central da FRETILIN do mesmo Sector e os responsáveis principais de cada zona da parte civil como também militar.

A Zona 003, estava dividida em duas partes, Área Alta (montanha) e Área Baixa (planície de Natar Bora).

Portanto, eu encontrava-me com a minha família nesta zona, desde os primeiros anos da invasão, em que eu era responsável pelas aldeias e uma das minhas irmãs era da Zona.

As reuniões na sede de Zona eram mensais, participavam o responsável pincipal que era o adjunto, assistentes da Zona, das Áreas, responsáveis das três estruturas da FRETILIN, OPMT, OPTT e OPJT, Comandante da Zona e da FAD.

Nas Áreas era quinzenal, com a presença do adjunto, responsáveis da Área, das Aldeias e das várias equipas.

Nas datas importantes, primeiro tinha que se localizar a posição do inimigo. Após o que a população já se podia concentrar na sede da Zona ou das Áreas para a celebração.

Quando se tratava da festa, todos nós ficávamos contentes. Rezavamos para que o inimigo não nos atacasse. Traziamos do melhor dos variados pratos para esses dias. Tanto os homens como as mulheres todos bem apresentados com roupas e jóis especialmente guardadas para os dias de festas. Habitualmente na abertura da festa, fazia-se um esclarecimento pelo adjunto e intervensões de alguns responsáveis.

Depois, enquanto uns preparavam a comida, outros animavam a festa com os tebes, tebedai, danças cerimoniais acompanhadas de babadok e gougs.

A festa prolongava-se até ao outro dia. Havia também baile ao som de uma ou duas violas, dahur, tudo à luz de várias fogueiras.

No decorrer da festa, a vigilância era bem montada e fazia-se escala.

Colocavam-se as vasilhas com a água do mar. Quando a água se evaporava, repetia-se toda a operação até se obter a quantidade de sal desejada, põe-se em saquinhos para consumir e enviar às outras Zonas, que ficavam longe do mar.

As mulheres eram muito dificeis para viverem numa organização, mas mesmo assim as responsáveis conseguiram levá-las a participar nas reuniões, festas, obrigavam-nas a falar, a libertarem-se da cozinha e de muitos outros trabalhos que as sobrecarregavam.

Formavam-se vários grupos e iam emescalas trabalhar na sede da Zona ou da aldeia. Lá faziam com folhas das Palmeiras (Tali e Akadiro), esteiras, cestos, bolsas para tabaco, saquinhos para o sal, para a ração de combate, sacos para armazenarem milho, arroz e sagú.

Preparavam também tabaco para as forças. Enrolavam-se as folhas e com a ajuda de uma tábua e faca bem afiada, cortava-se cortavam-se as folhas fininhas. Estas eram estendidas ao sol até ficarem quase secas, depois mistura-se com o mel e ia numa frigideira a tostar, em lume brando. Já estava o tabaco pronto a fumar.

Atendendo à situação em que o povo se encontrava, não havendo onde preparar os alimentos, havia uma equipa, dirigida pelos responsáveis da OPTT, encarregada de fabricar louças, talheres, panelas, aproveitando os zincos das casas destruídas pelo inimigo. Fabricavam também facas, espadas, com as peças dos carros abandonados e dos pneus faziam-se chinelos e sandálias.

Com a falta dos materiais escolares, devido às evacuações constantes, as crianças e os jovens não podiam estudar, por isso a maioria deles ofereceu-se para servirem a sua Pátria, muitos eram estafetas das zonas de apoio, forças armadas de defesa de armas brancas ou integravam-se nas equipas de abastecimento para a linha de fogoe noutras zonas. Quanto à organização dos Serviços de Saúde, havia no Sector Centro Leste, em Buaneke, uma farmácia dirigida por enfermeiros.

A FRETILIN conseguiu reunir as pesssoas que tinham conhecimentos e os que já trabalhavam nos Laboratórios de Dili, para depois criarem no mato Laboratórios artesanais. Fabricavam comprimidos com as cascas das àrvores medicinais, depois de transformados em pó. Eram repartidos em pequenos hospitais colocados em cada área de acampamento das zonas e no outros sectores do território de Timor Leste.Não havia cirurgia para resolver muitos casos, como ferimentos nos combates, utilizavam o álcool e algum medicamento que conseguiam trazer das vilas.

O álcool destilava-se na Área Baixa (Natar Bora). Extraia-se o " tua aka " (vinho) das palmeiras. Destilava-se e obtia-se o " tua sabu " (aguardente) e na última operação extraia-se o álcool.

Em cada zona e nas aldeias havia também pessoas que conheciam o valor de certas plantas, cuja casca e folhas fervidas tinham propriedades medicinais como por exemplo: Bak Moruk, Ai Hanek, Kina, Tahau Tolu - contra o paludismo e febre.

Ai Solda - para fracturas.

Casca e folhas de (Ai oau metau) - para febre intestinal.

Casac de toranjeira e de Ai Nitas - para tuberculose.

Sementes moidas de melancia - para infecção no útero.

Quanto à agricultura, a produção atingiu consideráveis valores nalgumas localidades, principalmente na planície de Natar Bora. Cada família tinha a sua horta. Na horta comunal trabalhavam várias pessoas, cultivavam os produtos mais vulgares, que depois uma parte destinava-se para alimentar as forças guerrilheiras, e os que não tinham tempo disponivel para produzir.

O povo compreendia que eram os seus filhos que estavam a combater na linha de fogo como na retaguarda e que precisavam de se alimentar. A outra parte armezenava nos celeiros. Fornecia-se também para outras Zonas e Sectores que estavam a ser constantemente atacadas pelo inimigo.

A principio eu, a minha família e a maioria da população vivíamos na Área Alta, mas em sítios diferentes e devido aos vários assaltos e à infiltração do inimigo, tivemos que mudar para a Área Baixa, devido a esta zona ter várias espécies de mosquitos, toda a população ficou com paludismo. Sem medicamentos e sem assistência médica, apenas aliviámos com o chá das cascas e folhas. Houve muitas mortes, homens, mulhers, velhos, e crianças. Foi também nessa altura que fiquei de coma quase um ano. nas evacuações, as pessoas levavam-me numa cadeira atada com dois paus a servir de maca.

Um dia sem esperar, passou por Natar Bora um amigo e colega do meu pai, também enfermeiro, chegou ao acampamento e salvou-me com a ultima injecção que tinha.

Em 1977, quando a região de Maubisse foi atacada com mais força pelo inimigo, a população teve que abandonar os seus acampamentos e hortas. Da parte que evacuou para a Zona de Barique, Natar Bora, muitos morreram, pouco tempo depois, devido à mudança de clima e de comida, do paludismo e de desgosto por se terem afastado da sua região.

Nas Zonas ou Sectores mais afectados pelo inimigo, a população ia a Natar Bora fazer permutas de roupas, jóias com generos alimentícios, arroz, milho, carne seca e sal.

Quanto à situação militar, as FALINTIL tinham uma valentia superior ao inimigo, apesar de possuir um pequeno número de armas.

Devido á existencia, factor principal, de um princípio político e duma moral sólida, que derrotava as tropas indónesias no campo da batalha. E isso levou-os a desconfiar que algum general estava a orientar o comando da luta no interior da Pátria Maubere.

Porém, era apenas uma pequena camada de ex-sargentos, comandantes da FRETILIN, alguns letrados que já tinham cumprido serviço militar e com a participação activa dos filhos do Povo Maubere, sem distinção de categoria social ou étnica que tomaram consciência e se entregaram na luta para libertar a sua Pátria invadida.

Nos combates, o inimigo era medroso, apesar de ser númeroso e trazer várias armas, ainda eram reforçados pelos helicópteros e aviões de caça.

Na Zona de Barique as mulheres mais corajosas, levavam comida para os guerrilheiros na linha de fogo e muitas vezes ficavam lá para cuidar dos guerrilheiros doentes. Os guerrolheiros eram proibídos de comer tudo o que era ácido, porque diziam que atraía as balas.

As deslocações que os responsáveis faziam eram frequentes, as equipas eram formadas por homens e mulheres, unidos na pura consvivência amigável e respeito mútuo. Atravessávamos regatos, ribeiras (muitas vezes no tempo das chuvas, quando não dava passagem, pernoitávamos na margem à espera que a água diminuisse) e matas densas escuras onde a luz do sol não entrava, só se ouvia o canto dos pássaros, a água a correr, Havia muitos macacos que saltavam de ramo em ramo e assustavam-nos atirando com as frutas que comiam ou ramos secos. as gibóias que atravessavam o nosso caminho, entre o capim, também nos assustavam quando deslizavam sobre os nossos pés.

Havia o justo correctivo para quem fosse indisciplinado. Se era algum responsável, ficava suspenso da tarefa e ia para os centros da producção de sagú ou para a extracção do sal, com as equipas , mas continuava a participar nas reuniões para a sua reabilitação.

Quando algum rapaz ou rapariga quisesse legalizar a sua situação, tinha que ter mesmo a certeza de que levaria o caso a sério, pelo contrario eram criticados nas reuniões e podiam até apanhar o justo correctivo. A disciplina estava a cima de tudo!... Nas reuniões todos falavam livremente.

Os rapazes que iam lutar, não tinham treinos, porque não havia armas suficientes e as únicas balas que estavam nas câmaras das armas, já estavam destinadas para enfrentar o inimigo, por isso apenas recebiam instruções teóricas.

A segunda e a última Conferência Nacional que assisti, decorreu na Sede do Comissariado do Sector Centro Leste, na Zona de Lacluta, foi no ano de 1978. Foi presidida pelo então vice-presidente do Comité Central da FRETILIN. Participaram delegados vindos das outras Zonas, tanto civis como também militares. Durou mais de uma semana e foi encerrada com um comício, celebração de casamentos de vários casais todos responsáveis, jantar e noite cultural.

Após a Conferência ainda fiquei para as aulas de política e ao mesmo tempo integrei-me numa das equipas de alfabetização.

Como não havia papéis nem lápis nem borracha, fabricavam-se caixas de bambú e eu enchia-as de areia. Alisáva-se e escreviam-se as primeiras letras. Não só as crianças mas os velhos também frequentavam essas aulas.

Regressei à zona de Barique de quem eu era responsável na Área baixa e depois transferida para a Área alta.

Porém as campanhas destruiram e impediram o que o povo de Timor Leste estava a construir.

Assim em Setembro de 1977, a tropa invasora laça asua primeira ofensiva em toda a zona fronteiriça matando a maioria da população, vítima dos bombardeamentos e da fome. Em seguida, traça a nova estratégia para as campanhas de cerco e de aniquilamento, com o objectivo de tomar Sector por Sector e obrigar o povo a entregar-se e destruir a direcção superior da luta.

Em Maio de 1978, ataca para Central do território de Timor Leste, servindo-se das suas armas AR15, MU2, Kalachenikov, Morteiros, apoiados pelos aviões de contra-guerrilha, OV-10 Bronco, F5E e Skywak A4.

Sempre com o máximo apoio da direcção superior da luta e das FALINTIL, as populaçãoes das zonas: 20 de Maio, 20 de Agosto, 28 de Novembro e Bravo, foram obrigadas a abandonar as suas áreas e as suas hortas carregando o que possuiam.

Com pena de abandonar os seus gados levam-os com eles, sem imaginar que a passagem dos animais pudesse dar facilidade à perseguição do inimigo.

Devido às evacuações firmes, a população deixou de ter tempo para produzir, e começou a ter problemas de comida. Então todas as vezes que conseguia acampar mais tempo abatia-se o seu gado. Daí aproveitava-se para secar a carne e preparava-se a ração que era tudo à base de farinha de milho, sagú, tubérculos secos, para as próximas evacuações. De dia não se podia cozinhar, por causa do fumo, com medo que o inimigo pudesse localizar e à noite era à luz da fogueira e para evitar faziam-se buracos nas encostas ou nos regatos eaí se escondia o fogo, para a preparação dos alimentos.

O inimigo sempre em perseguição, a população entrou na Zona 003, na Área Alta de Barique. Foi por muito pouco tempo e daí foi empurrado para a Área Baixa, Natar Bora. Durante as evacuações uma parte dela foi morta das consecuências de intenso bombardeamento, feito pelos aviões aças, granadas de morteiros, obuzes, bazookas e bombas incendiárias. Sem poder enterrar os seus mortos, o povo seguia a sua marcha, deixando para trás os corpos espalhados no Solo Pátrio, sem campas.

Por onde passavam os carrascos estragavam tudo, queimavam as casas e matavam o gado.

A população foi aconselhada a acampar-se junto às margens das ribeiras e regatos, para quando os aviões lançassem as bombas de Napalm, entrasse na água, para não ser também destruída como as nossas ricas e virgens florestas, a planície cheia de caças e as varzeas de arroz cultivadas duas vezes por ano, com grandes espigas quase a ser ceifadas.

Enquanto durvam os bombardeamentos dos avões, chegavamos a dar mais de duzentas voltas nos troncos das árvores e daspalmeiras para não sermos atingidos. Apesar das grandes dificuldades e riscos que se estava a atravessar, notou-se que não houve que estivesse revoltado contra a direcção política da FRETILIN, porém pelo contrário, a confiaça que o povo Maubére tinha para com a direcção tornou-se sólida e isso conduziu o povo a aceitar os maoires sacrificios nessas campanhas.

Assim quando o inimigo desceu das montanhas e começou a atacar na planície, a população que era apanhada era torturada e depois morta. Foi o caso que aconteceu com um assistente da Zona 003. Apanharam-no e depois de vários interrogatórios acerca da posição do Comando Superior da Luta e das FALINTIL, apenas colheram do assistente Bais. Espancaram-o brutalmente, cortando depois as orelhas e o nariz, obrigando-o a comelos e a seguir mataram-no.

A infiltração do inimigo de Natar Bora era cada vez maior.

Orientada pela direcção da FRETILIN a população dividiu-se em vários e grandes grupos mobilizados pelos seus respectivos responsáveis, fugindo do inimigo, subindo às montanhas. Uma parte foi refugiar-se no "Dolok", terreno muito grande coberto de árvores cerradas e encharcada de água estagnada (sítio único e dificil à entrada do invazor). A população da planície tinha os seus celeiros em cima das árvores, além dos outros nas florestas.

Outra parte em que eu e a minha família estavam integrados, escondemo-nos em "Wé-Labak", sítio do ninho das jibóias, também na planície.

Como não era muito seguro tivemos que nos juntar com o "Nakukun" (escuridão), era constituído pelos prisioneiros apoiantes da rede de reacção do ex-presidente da FRETILIN, Xavier do Amaral, também presente e que estava a cargo do adjunto Óscar Araújo.

Saímos de Natar Bora, já tinhamos alcançado a planície de 28 de Novembro, Viqueque, o inimigo cortou a nossa passagem e tivemos que recuar. Fomos violentamente bombardeamentos. Na ribeira Dillor caímos numa embuscada. Houve várias mortes, alguns feridos entre eles uma criança de quatro anos, que vivia com a minha família e que posteriormente viria a morrer.

Com dificuldades conseguimos chegar ao Comando de Natar Bora, onde se encontrava o comandante do sector, Hermenegildo Alves e as suas forças, que horas antes tiveram uma reunião com um dos elementos do COMODOP, adjunto Artur Nascimento e que mostrou muito preocupado quando ouviu os tiros e disse: "se a minha família já caiu nas mãos do inimigo...".

Poucos dias depois o inimigo começou a apertar o cerco. A situação estava a tornar-se mais dificil para nós, sem saída. Novamente fomos organizados, formando um cordão. Sobe a protecção das FALANTIL atravessámos a linha de fogo, à noite, durante oito horas. Eram bébés pequeninos, crianças, homens, mulheres e velhos. O inimigo estava a quinhentos metros. Antes de amanhecer já tinhamos atravessado a zona perigosa. Pelo caminho, na terra queimada pelas bombas Napalm, achámos vários corpos, já secos e irreconheciveis. Subimos às montanhas, e tudo o que o povo construi tinha sido destruído pelos carráscos. A nossa ração estava no fim. Pernoitámos duas vezes numa aldeia "Wé-Krame", alimentávamo-nos apenas de "Koto-Moruk", feijão venenoso que conseguiamos colher aí e que tinha que ser escaldado sete vezes.

Seguimos para a Área Alta de Barique e juntámo-nos com o COMODOP (Comando das Operações). O inimigo abandonou a planície em nossa perseguissão e a população aproveitou-se para sair do seu esconderijo em "Dolok" e começou a produzir deitando a baixo as palmeiras para depois fazer o sagú, para a sua alimentação e das FALANTIL.

Seguimos para a Àrea de Lacluta, acampámos no monte de Santo António. Como os ataques eram frequentes e a população constante capturada, evacuamos para as montanhas de Baucau, passando por cima Ossú e Venilale. Nessa altura eu já fazia parte do COMODOP como secretária. Faziamos centenas de comunicados, mensagens e panfletos dos desenhos dos crimes cometidos pelos carrascos Indonésios, relacionados com a realidade das vilas ocupadas, as violações das mulheres, os massacres, as torturas etc... E de pois eram enviados para as vilas através dos elementos da rede clandestina, que já estava em acção.

As forças guerrilheiras na zona de Baucau, aproximavam-se várias vezes das estradas e assaltavam os carros do inimigo e matando-os. Partimos para Vemasse e depois Laleia. Alimentavamo-nos de Kumbili (tubérculo) e Aidila Tuku, cozida ou assada.

O inimigo, através dos elementos do povo capturados, obrigavam-nos a indicar o caminho para acaptura dos menbros do Comité Central da FRETILIN, das FALINTIL e da população. Muitas pessoas foram aprisionadas. Os homens mais fortes e que sabiam ler e escrever eram acusados de serem guerrilheiros. Eram torturados e executados ou então eram forçados a avançar para a linha de fogo e lutar contra os seus irmãos na resistência. As mulheres eram violadas pelos militares e roubavam tudo o que era de uso pessoal, como brincos, anéis, fios, pulseiras de ouro e prata.

Em Laleia, Zona Bravo, a população já sem comida, esgotada e doente, a direcção da FRETILIN decidiu apelá-la para que se entrega-se, descesse das montanhas. Com medo do inimigo, nem todos estavam de acordo. Na aldeia Aço, Laleia, onde estavamos acampados por algum tempo, quase sempre viamos os soldados Indonésios a passar. Atendendo ao pequeno número das forças guerrilheiras, só atacavam nos momentos exactos.

Uma vez estavam a tomar banho na ribeira de Laleia, foram surpreendidos pelas forças guerrilheiras, fugiram todos e deixaram os cavalos roubados às populações, roupas, munições e comida. Quando desconfiavam das posições das nossas forças e da população, à noite mandavam os foguetes faziam sinais de avanço aos outros, para o dia seguinte.

O povo como já estava habituado com as tácticas do inimigo, retirava-se imediatamente. Com a maioria da população nas mãos do invasor, as perseguições eram cada vez maiores. Nos locais onde nos encontravamos, os aviões não falhavam.

De Laclubar novamente voltavamos para Barique, planície de Natar Bora.
Instalamo-nos na aldeia " Kakae Uma " mais dum mês.

28 de Novembro de 1978

Foi o último comício que se efectuou. Foram várias as intervenções de vários resposáveis civis e militares , além dos três elementos do COMODOP, António Carvarino, Vice-Presidente, Vicente Reis, Comissário Político Nacional e Artur Nascimento, Adjunto, sempre interrompidas pelos aviões caças.

As bandoleiras foram içadas entre lágrimas e mais uma vez fizeram o apelo à população para se render.

Nesse dia foi apresentada uma secção de Brigada de Choque feminino pelo comandante Mau Brani (José Cirilo Nunes), tendo como elementos: Mena Viegas, Au Sousa, Azita Sousa, Nina Guterres, Filó Guterres, Bi Mali (Áurea Mouteiro), Rosa Amaral, Akai Hornãe. Elas, cada vez mais consciêntes, da dificílima situação dos guerrilheiros capturados, mortos, feridos, tomaram a iniciativa de se oferecerem voluntarias para participar na luta armada. Foi uma grande revelação de coragem criada durante os anos na resistencia. Iamos para a praia treinar e os peixes saltavam à superficie, apanhavamo-los com os disparos das nossas armas.

Uma vez esquecemo-nos de avisar a população e quando regressamos, tinham fugido todos, porque ouviram tiros e pensavam que eram os indonésios.. O COMODOP (Comando das Operações) teve que se separar da população, levando apenas um número muito reduzido.

Já em Wé - Tenente, o Comissário Político, Abel Ximenes enviou uma mensagem ao COMODOP que dizia: " Informamos ao COMODOP, que chegará dentro em breve o reforço vindo da Ponta Leste. Pedimos com urgência a vossa presença no nosso acampamento. ".

Nessa mesma manhã o Comissário Político Nacional, Vicente Reis e a adjunta Dulce Cruz partitam com os escoltas. A meio do caminho, os batedores vieram-nos avisar da aproximação do inimigo. Mas como é obvio, a mensagem era falsa. O inimigo regressou e como as passagens estavam todas fechadas tivemos que atravessar o " DOLOK ". Tomamos o rumo de Alas. Nas margens das ribeiras que iamos atravessando, os nossos rastos eram limpos com folhas. O inimigo estava em todo o lado. Seguimos para " Ai Tahan Belar " onde já se encontravam alguns membros do Comité Central da FRETILIN, da fronteira Norte, Floriano Chaves, da fronteira Sul, César Mau Laka e do Sector Central Sul, Eduardo dos Anjos e a adjunta Maria José Boavida para uma reunião, marcada para o dia seguinte. Porém nada se realizou.

Na madrugada do dia 18 de Janeiro de 1979, fomos assaltados pelas tropas inimigas e o Comissário Político Nacional (CPN), Vicente Reis, foi atingido numa das pernas e ficou gravemente doente. Foram mortos algumas forças guerrilheiras e um Comandante, vindos da fronteira Sul. Debaixo do fogo, cond~seguimos fugir e uma hora depois fomo-nos juntar à companhia da Brigada de Choque. Os helicopteros sempre atrás de nós a descarregar tropas. Partimos na mesma noite, mas o CPN teve de ficar num esconderijo, na companhia da sua mulher, adjunta Dulce Cruz, com o enfermeiro Eduardo Ximenes e algumas forças. O vice-presidente Carvarino, tinha desaparecido no assalto. Foi em tempo de chuva, chovia torrencialmente, não havia cabanas, dormiamos sentados e a água corria sobre nós como se fosse um cobertor. O barulho da chuva confundianos o trovão com os tiros e o relâmpago com os foguetes

que o inimigo costumava lançar. Estavamos a atravessar um grande risco, pertinho da tropas Indonésias. A nossa ração de reserva, que era apenas um saquinho de sagú, estava quase no fim.

Além de uma ou duas colheres por dia reforçavamo-nos com ervas não comestiveis, tubérculos que não conheciamos. Até trocavamos entre nós roupas com sal misturado com piri-piri só para por na boca.

As FALINTIL apanhavam os animais mortos à bastante tempo e queimados pelas bombas Napalm para matar a fome. Para que o inimigo não nos avistasse, quando passávamos nos campos descampados, faziamos quase um exercício completo, rastejavamos, curvavamo-nos, andavamos sentados, etc. A minha mãe que sempre nos acompanhou também passou o mesmo que nós.

A chuva não parava. O inimigo montava a sua vigilância em cima das árvores. Ainda na planície das Alas, fomod~s novamente assaltados. Todos fugiram, e eu separei-me da minha mãe, da minha irmã Filó e das outras B.C. femeninas. Elas tinham-se juntado aos outros guerrilheiros. Nunca mais nos encontrámos, nem com os outros meus dois irmãos tabém gurreilheiros, Eugénio, José e a minha irmã Nina.

Perseguições assaltos constantes, guerrilheiros esgotados, falta de comida, doença. A custo entrámos novamente em Natar Bora. Mais uma noite de chuva torrencial em Wé-Krara-Oau. Outro assalo no dia seguinte. Demos a fuga e resolvemos atravessar a ribeira " Lamaran " mas não nos foi permitida a passagem. Acampámos em "Sukae Laran", meia hora depois, fomos novamente assaltados pelas tropas inimigas. Eram rajadas, tiro a tiro, uma chuva de balas sobre nós.Foram mortas algumas pessoas, entre elas a esposa do comandante Paulo Soares e a filhinha. Houve um pequno número de capturados entre eles a adjunta Maria José Boavida, que se encontrava muito abatida devido às mortes do marido, o adjunto Manecas Cruz e do filho Mali Sekar.Subimos à Àrea Alta de Barique e aí acampámos numa pequena aldeia, "Maniku" aproveitando o que ainda existia nas hortas para comer.

3 de Fevereiro de 1979.
O Batalhão 745 tinha nos cercado desde as 7 horas da manhã.

Eram 14 horas. Fizeram fogo. Tinha acabado de tirar a febre ao meu marido, 41° de febre. Com a minha ajuda conseguimos dar uns passos. Pegou na arma, e começou a atacar o inimigo. Parou. A nossa hora chegou...

" As últimas duas balas serão para nós ", como tinha combinado sempre, que jamais nos entregariamos ao inimigo. Olhou-me. Teve pena de mim. E pela última vez... beijou-me. Continuou a lutar. Caiu, arrastando-me também. Pensei que fosse para rastejarmos, por causa das balas. Gemeu. Quando levantei a cabeça, o seu cérebro estava junto de mim. Compreendi que foi atinjido, mesmo assim ainda o chamei e das três vezes me respondeu. Os seus olhos encheram-se de sangue e morreu nos meus braços, abraçando a arma. Fiquei sozinha, mas decidida a continuar com a arma do meu merido. Os tiros pararam. Numa gritaria selvática cercaram-nos. Fingi que estava desmaiada. Quando senti que me iam tocar, puxei da arma, levantei-me e ia separar sobre eles mas apanhei umas cotoveladas nas costas e caí desmaiada. Algum tempo depois, gritaram para os acompanhar. A última coisa que fiz ao meu marido foi cobri-lo apenas com um lençol e despedir-me dele. Quiseram cortar-lhe a cabeça para apresentar na vila, mas não os deixei faze-lo. Pelo caminho estavam todos contentes; conforme o Governo Indonésio, por cada cabeça dum membro do CCF, iria premiar a cada companhia do batalhão heroi, um helicoptero e a cada elemento, uma TV, 50

quilos de arroz, 5 quilos de açucar e algumas folhas de zinco e cimento para a construção das suas casas.

Acampámos juntos a uma ribeira, disseram-me: " Nós queremos normalizar-te por isso terás que nos acompanhar ". A linguagem dos assassinos não me era estranha. Revoltei-me e disse-lhes: " Era junto do meu marido que me matavam e não aqui". Então deram-me um punhado de comprimidos para tomar, convencendo-me de que era para melhorar a minha saúde, convencidos que as mulheres timorenses ainda viviam no obscurantismo como as mulheres indonésias. Fui à noite, sozinha no meio daqueles carrascos. Várias preocupações me atacaram. Não dormi. A morte do meu marido, doeu-me muito.

3 de Fevereiro de 1979. 21:00 h.

Tinha chegado uma secção de tropas indonésias. Focaram o rosto do comandante. Reconheci-o. Era o Jaime Maia, foi meu colega na escola Bispo Medeiros. Rechonhecera-me também. Em português perguntei-lhe: " Porque trabalhas para eles? -" ele respondeu : " A situação obrigou-me."

O dia chegou. Parti com o Jaime e a secção. Depois de atravessarmos as ribeiras de Lacló e Sahe, chegámos ao Comando do Batalhão 744. Horas depois, os elementos da INTEL,chegáram de helicóptero para me levar a Alas. Em Alas fui conduzida a uma das prisões, onde já se encontrava a adjunta Maria José, deitada em cima duns cartões, com febre e fraqueza. Olhámo-nos, emocionadas... Éramos proíbidas de falar, antes de eu ser inquirida. A prisão não tinha portas, os militares entravam e saiam quando lhes apetecia. Á noite focavam os nossos rostos com as lanternas contantemente.

Os inquéritos que nos faziam eram só de noite, a partir das 19,00 horas e prolongavam-se pela madrugada e em sítios diferentes. Na primeira noite perguntaram-me se ainda seguia a linha política da FRETILIM. Respondi-lhes que sim, porque não conhecia outra. Ficaram tão furiosos que me espancaram com toda a brutalidade. As perguntas mesmos que não nos agradassem e nos ofendessem, teriam de ter sempre uma resposta, obrigatóriamente acompanhadas de um sorriso. Cada silêncio era uma coronhada ou uma pancada violenta. As refeições que nos davam eram sempre as sobras dos dias anteriores. Vinham em latas de ração de combate, já utilizadas e nunca lavadas. Eram quatro colheres de arroz por dia e uma garrafa de água. Durante o tempo em que eu e a Maria José lá estivemos fomos horrivelmente torturadas. Estavam tambem presos os Comandantes Rosalino Leite, Valente Soares e os responsáveis, José Monteiro, José Pires e André Costa.

5 de Fevereiro de 1979. Quase meio-dia.

O Vice-Presidente António Carverino, tinha chegado de helicóptero, preso. Estava doente. Ainda lhe falei, mas depois fui empurrada com violência e despreso para a prisão. O inquérito era todo o dia e toda a noite com uma lâmpada que focava o seu rosto para cegar. Batiam-lhe, cuspiam-lhe e obrigavam-no a indicar no mapa as estratégias traçadas pela FRETILIN. As respostas eram: " já não me lembro ".

Eu e a Maria José tinhamos assistido a umas partes do inquérito.

Quatro dias depois, saíu e não voltou mais.

6 de Fevereiro de 1979.

Chegou de helicóptero, também preso, o adjunto Joaquim Nascimento, membro do CCF.Pouco tempo depois desapareceu.

Foi também nesse dia que soube por um " HANCIP " da morte do meu irmão Eugénio e do Comandante da BC, Mau Brani, num combate em "Ai Tahan Belar ".

A dor já era tanta, que não tinha mais lágrimas para chorar.

Uma noite a INTEL foi-nos avisar para que eu e a Maria José arrumássemos as nossas coisas, porque íamos dar um passeio de helicóptero a Jakarta, naquela hora . Mas desistiram, porque tinha chegado naquele momento um comunicado de que já tinham encontrado o cadáver do CPN, Vicente Reis e que tinha de ser confirmado por nós.

No dia seguinte, a Maria José partiu com eles.

O corpo já estava desfigurado,apenas foi reconhecido o cobertor, uma fotografia e um punhal. Mesmo assim tinha que ser confirmado.

Fizeram uma grande festa, com a participação obrigatória da população.

Março de 1979.

Eu e a Maria José fomos levadas de helicóptero. A meio do percurso, abriram a porta do aparelho e empurraram-na para fora.Depois de umas voltas, baixou o voo e vi a minha companheira de luta sem vida no chão a ser violada pelos carrascos e animais indonésios

Continuamos o percurso, fiquei com tanta pena da Maria José.Recordei as conversas que tivemos uns minutos antes e dos comentários acerca do piloto, por ser branco e loiro.

Em Barique, entregaram-me no comando de "Cassoan".A partir daí fui obrigada a servir de guia ao Batalhão 745, nas operações que faziam nas montanhas, para a captura da população e das forças guerrilheiras.Enquanto durou a minha presença, junto do Batalhão 745, todos os dias assistia a cenas de tortura e morte da população que apanhavam.

E quando se tratava de algum guerrilheiro, antes de morrer era torturado. Riscavam todo o corpo com um punhal, cortavam aos poucos os braços e serviam de alvo para treinar. Com as botas davam pontapés na cara até aumentar de volume. Depois de o matar, davam mais um golpe no coração e lambiam o sangue da lâmina do punhal.

Assaltavam os acampamentos e os doentes que encontravam, mandavam rajadas de duas ou mais cartucheiras, como aconteceu com um guerrilheiro Zeca Sequeira, numa aldeia "Buça Kuak" em Laleia.

No prosseguimento das operações, foram mortas várias famílias e entre elas houve uma que me deixou uma profunda dor. Era um bebé de poucos meses que escapou ao morticinio, pegaram nele e colocaram brutalmente a sua boca no seio da mãe, já sem vida, para que mamasse o sangue que dela corria, acabando por asfixiar.

Quando passavam junto das hortas, antes de as destruir, as tropas invasoras, aproveitavam os seus produtos, uma vez que se os helicopteros não os abastessem passavam fome ficando revoltados, virando toda a sua ira contra os timorenses.

Lembro-me que num dos interrogatórios os militares Indonésios, perguntavam-me se ainda havia mais algum membro do C.C.F, respondi-lhes que sim.

Então disseram-me: Quando fores ao inquérito, dizes que os dirigentes do C.C.F, já foram todos mortos, pelas tropas Indonésias.

Já estamos fartos de estar aqui no mato.

Tinhamos recebido ordens de que a guerra era só nas cidades e em poucos dias. O ordenado que recebemmos é muito pouco. A nossa fmília em Jakarta e noutras cidades estão a passar mal, porque fomos todos recrutados para invadir Timor. Fomos obrigados a abandonar os nossos empregos. Quando voltar-mos já não temmos direito a nada.

Eu assisti, das várias vezes que a tropa Indonésia assaltava as FALINTIL, o comamdante a castigar rudemente quando a operação não corria bem.

Abril de 1979

Já nas montanhas de Manatuto. Avisaram-me da chegada de um ministro da Defesa Indonésia sendo por isso obrigada a esconder-me.

O helicóptero aterrou. Sem ninguem esperar, fui-me apresentar. estava esgotada. Não podia continuar mais naquela situação.

O ministro ordenou ao Batalhão 745, para me entregar no Comando de Manatuto.

Continuava presa com mais duas senhoras, esposas dos comandantes da FRETILIN.

O inquérito tambem continuava.

Todas as noites faziamos as orações em conjunto. Uma noite fomos interrompidos pelo barulho das botas. De repente começaram a dar pontapés nas portas. Eram os militares que queriam passar a noite comnosco.

O medo que tivemos era tanto, que as nossas orações transformaram-se em insultos a Deus. Proibiam-nos de ir à casa de banho. Tinha que ser ao ar livre para toda a gente ver que somos da FRETILIN.

Mais tarde mandaram-me para Dili. Não sabia quase nada da minha familia.

Fui levada a Taibesse, antigo Quartel Gengral, tudo destruido. Sem esperar, o meu pai ia tratar um doente, passou por lá e viu-me. Foi um encontro cheio de emoção. Jamais o esquecerei.

O militar autorizou-me a ir para casa, mas sempre controlada pelos elementos da INTEL. Todos os dias iam-me buscar para novos inquéritos, em Farol. Mandavam-me fazer um relatório desde o golpe da UDT, até à data em que fui capturada e presa.Tiraram-me umas fotografias de meio corpo para o arquivo.Um mês depois, libertaram-me

Quando cheguei a Dili fiquei com uma grande tristeza e revoltada por ver a cidade toda destruída e modificada. Outra raça a ocupar as nossas casas, uma língua e cultura diferente. Sentia a falta dos meus familiares, amigos e pessoas conhecidas, mortas pelos invasores.

Eu vivia na rua que dava para o cemitério de Santa Cruz. Todos os dias, via passar timorenses vestidas de preto, com flores para visita os seus mortos. Nos seus rostos apenas existia dor, sofrimento e medo, medo de tudo o que lhes rodeava .

Na cidade, o povo já não conseguia fazer uma vida normal . A morte espreita-o a cada momento. Vive cheio de preocupações. À noite, está sempre alerta, pois sabe que os militares escolhem essa hora do dia para patrulharem as ruas, efectuar rusgas, roubá-los, aprisioná-los ou assassiná-los. Todas as conversas eram efectuadas em voz baixa.

Em cada zona, há vários postos de vigilância. Enquanto os indonésios dormem, há elementos timorenses, estudantes ou não, funcionários, etc.,escalados para ficarem de sentinela, se são apanhados a dormir, levam-nos aos comandos militares, torturam-nos e mergulham-nos em tanques de água misturada com excremento de animais. Quando havia visitantes estrangeiros, a população sabia através dos sinais de trânsito proibido, que os militares colocavam nas ruas que vão dar ao cemitério militar e às zonas militares.

A comissão organizadora pelo INTEL, preparava os elementos escolhidos e treinados para serem entrevistados.

Os postos militares eram retirados. Todo o material era camuflado com as folhas ou transferidos para outros locais. Os militares, á paisana, escondiam os seus revolveres debaixo das roupas

Quando entidades indonésias visitavam Timor, toda a população tinha obrigatóriamente de limpar a cidade preparando-a para uma recepção cheia de pompa.

É certo que a Indonésia fez muita coisa em Timor Leste, mas não o fez em prol do desenvolvimento de Timor ou a pensar nos Timorenses, mas sim para possibilitar que os indonésios se desloquem e introduzam em Timor a sua cultura os seus habitantes. - **A isto chama-se genocídio cultural.**

Mas... quando escrevo genocídio cultural não consigo esquecer o genocídio fisico de milhares de TIMORENSES, homens mulhares e crianças, entre eles, os que foram massacrados na ribeira de Barique, em MARÇO DE 1979, a quem presto a minha mais humilde homenagem.

Zélia Alves e sua filha Suna de 2 anos.
Milú Alves.
Joaquim Pinheiro.
Almerindo Alves.
Irene Gomes.
Armando Pina
e
Nina Guterres (minha irmã).

EU GRITO!
JAMAIS PERDOAREI!
JAMAIS ESQUECEREI TUDO O QUE ME ROUBARAM!
TUDO O QUE NOS ROUBARAM!

Fátima Guterres.
Julho de 1993

Fátima Guterres